

Alguns há que consideram covardia perdoar. Outros apenas conseguem esquecer as ofensas, o que não deixa de ser uma grande conquista do Espírito. Mas, a preocupação do cristão deverá ser sempre compreender, perdoar e amar os que nos perseguem, considerando-os crianças espirituais necessitados de exemplos que os levem aos caminhos do amor e da fraternidade.

Dizendo "Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celestial", o Mestre deu-nos o modelo a ser procurado em nossas tentativas de evolução.

A perfeição, segundo o ensinamento, poderá ser resumida na prática da caridade cristã, já que ela encerra todas as outras virtudes.

A caridade é a negação de todos os vícios e defeitos, principalmente o egoísmo, base de todos os males da humanidade.

Combatendo frontalmente esse defeito, a caridade é a nossa principal ferramenta na reforma íntima.

É preciso conhecê-la profundamente, o que conseguiremos pela prática constante de ajudar aos semelhantes em tudo o que necessitam para a sua evolução espiritual.

7. IGNORE A TUA MÃO ESQUERDA O QUE FAZ A DIREITA

"Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte não tereis galardão junto do vosso Pai Celeste.

Quando pois, deres esmolas, não toques trombetas diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

Tu porém, ao dares esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita, para que a tua esmola fique em secreto: e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará". (Mateus, 6:1-4)

Os judeus da época do Mestre estavam obrigados a fazer carida-

de periodicamente. E os fariseus, quando o faziam, tratavam de deixar registrado em toda cidade o seu feito, para que soubessem do seu apego à lei. Saíam, então, acompanhados de servos que iam gritando em altas vozes os benefícios que o senhor estava proporcionando aos pobres do local.

Disse o Mestre que eles já haviam ganho o que buscavam, isto é, notoriedade para seus feitos, reconhecimento de que cumpriram com os preceitos da lei; portanto nada mais mereciam do Senhor.

Dar com ostentação não é caridade, muito ao contrário, é falta da mesma, porque estamos humilhando o beneficiado.

Dar secretamente, pelo prazer de ajudar, pelo amor ao semelhante, é duplamente caridade; como nos diz Kardec é caridade material e caridade moral. A primeira que beneficia o corpo, a segunda que aquece o espírito.

13.

INTERPRETAÇÃO DO SERMÃO DO MONTE (III) (Conforme narrativa de Mateus)

1. QUANDO ORARES ENTRA NO TEU QUARTO

"E quando orardes não sejais como os hipócritas, porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam sua recompensa.

Tu porém, quando orardes, entra no teu quarto e, fechando a porta, orarás a teu Pai que está em secreto, e teu Pai que vê em secreto, te recompensará.

E orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos.

Não vos assemelheis pois, a eles, porque Deus, o Vosso Pai, sabe do que tendes necessidade, antes que lho peçais". (Mateus, 6:5-9)

Ainda hoje não faltam os fariseus que, no tempo do Mestre, se caracterizavam pela hipocrisia. Quando oram, o fazem mais para se desfazerem de uma obrigação social, do que para se ligarem ao Criador de forma espontânea e consciente.

Para o Criador, mais vale o pensamento elevado ao Alto por uma pessoa que sofre sem palavras, do que mil palavras repetidas por uma boca que não as sente. As ladainhas e preces decoradas não possuem

vibração suficiente para alcançar os planos superiores da espiritualidade, de onde podem nos chegar as forças necessárias para superarmos as dificuldades do momento.

A eficácia da prece é notável. Que o digam aqueles que já passaram por instantes de grande sofrimento espiritual. Se frequentemente não somos atendidos em nossos pedidos é porque estes não nos seriam de utilidade ao progresso espiritual.

Preces sem objetivo de expiar transgressões, alcançar regalias materiais, livrar-nos de dificuldades etc. são perda de tempo; é tentar rebaixar o Criador à condição humana



de servidão; é tentar ludibriá-lo com palavras, assim como o fazem com os credores desonestos em nosso meio.

Há uma condição na qual sempre seremos ouvidos: é quando, desinteressadamente, espontaneamente, e com todas as nossas forças, suplicamos em nome do Mestre, com um motivo justo.

Mas, o que é pedir em nome de Jesus? É rogar auxílio em nome do nosso semelhante. E se não pudermos auxiliá-lo objetivamente, nos diz Emmanuel, três coisas poderemos transmitir a ele, com certeza: paciência, coragem e resignação. **Paciência**, para levar, até o final, as expiações que atravessa; **coragem**, para encarar de frente os problemas e para procurar soluções eficazes e lícitas; **resignação**, para suportar humildemente os sofrimentos, aproveitando deles tudo o que podem nos dar para o nosso burilamento espiritual.

Para encerrar, perguntamos: qual seria a forma mais eficaz de prece conhecida? E nos respondem novamente os nossos mentores, dizendo: a prece mais eficaz é o trabalho. É ele que pode nos religar mais estreitamente, mais rapidamente ao Criador, porque através dele é que ativamente participamos na manutenção da harmonia na criação.

2. ORAÇÃO DOMINICAL

"Portanto, vós orareis assim: Pai Nosso que estás nos céus, santifica-do seja o teu nome;

Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu;

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje;

Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores;

E não nos deixeis cair em tentação, mas livra-nos do mal. Amém.

Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai Celeste vos perdoará;

Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas." (Mateus, 5:9-15)

Nos diz Kardec que o Pai Nosso "**resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma pro-**

fissão de fé, um ato de adoração e de submissão, o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade".

O que na maioria das vezes ocorre é a ignorância total do contexto da prece, transformando esta síntese extraordinária em um rosário de palavras com supostos poderes mágicos, para serem repetidas em determinados momentos.

"Pai Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome."

Com estas palavras, o Mestre desfez a imagem do Deus vingativo e rancoroso dos hebreus, o Jeová do Velho Testamento, para chamá-lo de Pai.

Contém ainda esta frase o conceito básico sobre o qual se assenta a fraternidade entre os homens.

O Mestre iguala, em algumas palavras, transformando como irmãos, os homens de todas as nacionalidades, todas as raças, todas as religiões e todas as filosofias.

"Venha o teu reino."

Na parábola do semeador, o Mestre exemplificou admiravelmente o Reino dos Céus comparando-o à semente espalhada de maneira diversa conforme o local escolhido.

O próprio Mestre mais tarde afirmou que o Reino de Deus está dentro de nós, ou seja, ele está em nós porque o Criador não nos abandona em hipótese alguma; nós, porém, nem sempre o aceitamos dentro de nós.

A nossa participação no banquete espiritual do Reino dos Céus, depende de fazermos brilhar dentro de nós as virtudes que nos caracterizam como Espíritos criados perfeitos, que nos envolvemos na materialidade do mundo, para retornarmos depois por conta própria ao Criador através do processo evolutivo de depuração e aprendizado espiritual.

Quando a semente encontrar em nós terreno propício à germinação, dando frutos, então teremos entrado no Reino dos Céus, porque ele não é um local, mas um estado, uma condição espiritual que nos caracteriza.

"Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no céu."

Deus, criador de todas as coisas, dirigente do Universo, fonte inesgotável da vida, estabeleceu para a ma-

nutenção da harmonia universal uma Lei, que nós, homens, por não termos capacidade ainda para entendê-la na totalidade, desdobramos em várias leis: a da reprodução, destruição, trabalho, justiça etc., as quais podem, simplesmente, ser reduzidas a uma única: a Lei do Amor.

É o trabalho que nos impulsiona para a perfeição que é Deus, orientados pelo amor e fiscalizados pela justiça.

Quando fugimos do caminho do Amor, retardamos nossa evolução.

Portanto, fazer a vontade de Deus é respeitar as leis, as leis divinas, as leis naturais que regem todos os fenômenos físicos e espirituais do Universo.

"O pão nosso de cada dia dá-nos hoje."

O pão de cada dia nos reinos inferiores da natureza não passa de substância alimentícia para a manutenção da vida.

Com o transcorrer dos milênios, a mônada vai galgando pontos cada vez mais altos da escala evolutiva, passando pelos diversos estágios da vida mineral, vegetal e animal.

Nesses setores do auto-aperfeiçoamento ela vai aprendendo a reconhecer os diversos estímulos, fugir deles, reagir e finalmente sobrepujá-los pela inteligência e pela ação.

Caminha da inércia total para a luta pela sobrevivência, daí para a satisfação dos instintos, para alcançar a vivência das emoções profundas que abalam o Espírito, dos desejos que o mobilizam às conquistas cada vez maiores.

Procura conhecer os obstáculos que se colocam entre ele e a satisfação dos seus desejos, para sobrepujá-los. E nessa sede de conhecer, orienta-se para as coisas materiais, porque o imaterial, impalpável, desconhecido, lhes causam medo. Frequentemente fecha os olhos para ele em uma atitude de negação irracional.

Mas, com a ascensão auxiliada pelo sofrimento, conquistadas as facilidades materiais sem ter alcançado a paz para seu Espírito, o homem volta novamente sua atenção àquelas coisas que lhe são desconhecidas, mas que representam a resposta para os problemas cruciais que enfrenta.

Preocupa-se com o Espírito e descobre que ele se encontra em estado de inanição por falta quase total de alimentos. É o momento em que nos encontramos.

As religiões atuais não se encontram preparadas para alimentar eficientemente a humanidade faminta de espiritualidade, porque elas próprias se encontram com seus celeiros vazios.

"Não há mais tempo."

É preciso urgentemente nos ocuparmos em dinamizar a produção desses novos "pães de cada dia", através da multiplicação dos núcleos de assistência, trabalho e evangelização por todo o planeta. Para que, nos momentos decisivos pelos quais passaremos em breve, possamos nos desdobrar para atender aos necessitados do Espírito que nos procurarão em grandes levadas, famintos de luz e de amor.

E nenhuma outra religião conta com as condições de que o Espiritismo dispõe para colocar em prática tal plano. É hora de nos fazermos reconhecidos pelas nossas obras, para merecermos o nome de espíritas.

"Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores."

Uma das leis já citadas, a Lei da Justiça, tem como base uma outra lei natural, a Lei de Ação e Reação, a qual pode ser aplicada não só ao plano físico mas também, e principalmente, ao plano espiritual.

Disse-nos o Mestre (Lucas, 6:37-38) "Dai e dar-se-vos-á... Com a medida que medirdes, medir-vos-ão". E dizendo, "assim como", está também se referindo à mesma Lei do Retorno, Lei de Causa e Efeito, que o Espiritismo hoje nos esclarece com seus detalhes: "A cada um será dado segundo as suas obras".

"Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Assim seja."

É preciso entender que Jesus não nos ensinou a pedir ao Criador que Ele nos afastasse de todas as tentações. Disse apenas que deveríamos procurar **não cair** quando as enfrentássemos.

Se o Pai nos afastasse das provas e expiações não teríamos como redimir nossos erros e assim não poderíamos evoluir.



Estas "tentações" constituem variadas lições para o nosso Espírito primitivo, indispensável ao seu aprendizado moral e intelectual.

Como poderia o Mestre educar o aluno, sem propiciar lições e testes necessários ao seu preparo, ao seu aprendizado?

O Mestre propicia primeiramente ao aluno a lição, depois realiza os testes. Da mesma maneira, rogamos ao Criador **esclarecimento** para não cairmos em tentação. E se, esclarecidos, não cairmos em tentação, em consequência estaremos livres do mal.

3. QUANDO JEJUARES, UNGE A CABEÇA

"Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas, porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam recompensa.

Tu porém, quando jejuardes, unge a cabeça e lava o rosto, com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim, ao teu Pai em secreto, e teu Pai que vê em secreto, te recompensará". (Mateus, 6:16-18)

O principal jejum para o cristão deve ser o jejum espiritual, jejum de pensamentos e atitudes.

O jejum deve representar um ato de disciplina e não um ato de autopunição como querem alguns, ou ato de autopromoção como querem outros.

O jejum como autopunição nada vale porque a Lei de Ação e Reação estabelece a necessidade de refazer-mos certo o que fizemos errado, e não que nos mortifiquemos em busca da complacência de Deus ou da nossa consciência, porque não poderemos "comprá-lo", como ainda se faz em nosso meio, para que altere Suas leis em nosso benefício.

O jejum como autopromoção, como no caso dos judeus que se vestiam de panos grosseiros e atiravam cinzas à cabeça, apenas serve ao objetivo imediato, ou seja, o de alcançar reconhecimento por parte dos homens.

O jejum como disciplina espiritual pode ser comparado ao aprendizado da nossa reforma interior, através do combate aos nossos vícios e defeitos.

E para aqueles que jejuam conscientes do seu verdadeiro sentido, não há necessidade do reconhecimento dos demais: para eles basta lembrar que "Jesus sabe".

4. AJUNTAR TESOUROS NO CÉU

“Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e os ladrões escavam e roubam;

Mas, ajuntai, tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não escavam e nem roubam;

Porque onde estiver vosso tesouro, aí estará o vosso coração”. (Mateus, 6:19-21)

Mais um chamamento à conquista dos valores do Espírito.

A formação desse tesouro, que ninguém rouba, é que constitui a nossa personalidade.

Dizendo que o nosso coração estaria com esse tesouro, disse o Mestre que nossas riquezas espirituais se encontram vinculadas aos nossos sentimentos. De fato, sabemos serem eles os grandes propulsores do nosso progresso espiritual.

Não quis o Mestre com este ensinamento, condenar a riqueza, mas apenas alertar contra o apego excessivo aos bens materiais.

A riqueza é um meio de aglutinar esforços do homem em torno de uma ideia comum para o bem de todos. Os homens não sabem ainda se unir fraternalmente; necessitam de aurir lucros pessoais dessas sociedades, para que elas possam prosperar para benefício coletivo.

Se muitos dirigentes de riquezas falham, nos recordamos novamente do Mestre: **“É preciso que haja escândalos, mas aí daqueles por causa de quem vier o escândalo”**. (Mateus, 18:7)

5. OS OLHOS SÃO A LÂMPADA DO CORPO

“São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz.

Se porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo será tenebroso. Portanto, se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas”. (Mateus, 6:22-23)

Olhar e ver são dois verbos de acepções distintas: o primeiro significa o ato físico de dirigir os nossos olhos para determinado local, o segundo representa a compreensão do fato visado.

O olhar é uma atividade orgânica, é a mobilização do corpo, instrumento do Espírito, para que este possa tomar

conhecimento, ter consciência do que se passa ao redor através do ato de ver, essencialmente uma atividade do Espírito.

Todos olham de forma mais ou menos semelhante, porque o processo físico de olhar é idêntico para todos os corpos, mas cada Espírito vê a sua maneira, entende os fatos segundo sua capacidade intelectual e os sente de acordo com a sua condição moral.

Por que um único fato, visto por dois indivíduos, pode receber interpretações tão diversas? Por que um deles, ignorante, vê apenas o lado mau do acontecimento, enquanto que o outro, esclarecido, identifica inúmeros aspectos positivos que passaram despercebidos?

Há duas explicações para esses fatos:

1) **Capacidade própria de compreensão dos fatos, variável de Espírito para Espírito.**

2) **Influência do astral inferior.**

A capacidade de entender os fatos depende do estágio evolutivo no qual se encontra o Espírito. Os mais evoluídos, conhecendo melhor as Leis Divinas, saberão compreender aspectos que parecerão obscuros aos menos evoluídos.

A influência do astral inferior se dá por diversos mecanismos.

O Espírito, tendo sintonizado suas vibrações com os planos inferiores, vai desarquivando experiências negativas do passado, identificando os fatos atuais com aquelas, e fazendo prognósticos errôneos e julgamentos pessimistas.

As entidades ignorantes ou maléficas frequentemente lançam mão de um recurso bastante eficaz para alcançar seus objetivos: projetam suas criações mentais sobre o obsidiado, envolvendo-o em uma atmosfera de trevas que o impossibilita de ver claramente todos os aspectos do fato.

E os Espíritos invigilantes e pessimistas acatam as sugestões, alimentam as criações inferiores ligando-se demoradamente a elas, tornando-se suas próprias vítimas.

É necessário aprender a ver o bem em todas as coisas, a ver o aspecto divino das experiências, por mais dolorosas que elas sejam. Porque tudo obedece a uma finalidade estabelecida pelo Supremo Criador, a qual nem sempre parece evidente aos

nossos olhos pouco afeitos às coisas divinas. Por mais intransponíveis que se apresentem, as dificuldades não deixam de ser provas, experiências que educam o nosso Espírito primitivo ao aprendizado da fé, da paciência e da resignação.

De nada nos vale perder tempo na identificação do mal, nem mesmo como dizem alguns, para sabermos fugir dele. Esses irmãos nossos alegam que é necessário orar e vigiar. Mas, sem nos apegar à letra, procuremos entender o espírito desse ensinamento.

Teria o Mestre nos ensinado a fiscalizar o mal com o seu “orar e vigiar”?

Solicitemos a colaboração de Emmanuel para o esclarecimento da questão.

Diz-nos que orar e vigiar é **“pesquisar no campo do sofrimento humano qual o setor que mais necessita da nossa colaboração”**. É utilizar os nossos olhos espirituais a serviço do bem, a serviço da caridade. O mal basta por si só: não necessita que cuidemos dele e, sim, que cuidemos intensamente de praticar o bem.

6. NÃO PODEIS SERVIR A DEUS E ÀS RIQUEZAS

“Ninguém pode servir a dois senhores: porque ou há de aborrecer a um e amar o outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom”. (Mateus, 6:24)

O ouro adorado nas estátuas de Mamom dos sírios, continua, agora mais do que nunca, sendo alvo da reverência dos homens.

Compreende-se facilmente o porquê de Mamom ser considerado o deus das paixões humanas. O ouro é o grande alimento capaz de sustentá-las e desenvolvê-las.

Além disso, ele dá prestígio, ele satisfaz o orgulho e a vaidade, os grandes males da nossa humanidade.

O homem que se preocupa com o ouro perde seu valioso tempo exclusivamente com o mundo material e se esquece do espiritual.

Por isso disse o Mestre: **“É mais fácil um cabo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus”**.

Em outras palavras, o homem que se deixa envolver pela sede de poder

material, pelas suas riquezas esquece o seu destino de Espírito eterno, aprendiz das Leis Divinas, e não aprende assim os caminhos evolutivos que o levam a Deus.

Age como o rico da parábola que perdeu os últimos dias da sua existência terrena construindo celeiros sem utilidade para o mundo espiritual, esquecendo-se de preparar o Espírito para a grande viagem.

É engano concluir que Jesus desprezava os ricos. Lembremo-nos de Zaqueu, de Levi, que mereceram toda a atenção do Mestre, apesar de serem publicanos, impuros para os judeus.

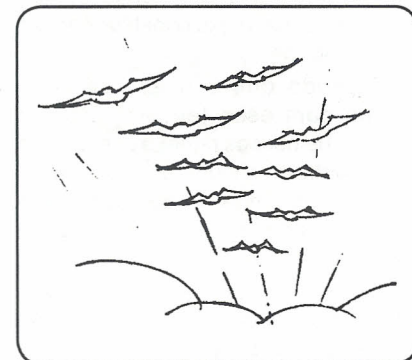
Jesus não abandona os ricos, porque a prova que enfrentam é mais dura ainda que a prova da pobreza. Ela excita o orgulho, a vaidade, o egoísmo, os nossos grandes males morais, que levam ao malogro a

maioria dos Espíritos que reencarnam. Por outro lado, é um grande veículo de redenção porque permite ao administrador de riquezas, desenvolver a prática da caridade, do amor ao próximo, da solidariedade e da fraternidade.

Sabemos que no futuro o ouro perderá o seu valor. Será a fase em que o sentimento de ódio cederá seu lugar ao do "amor ao próximo como a si mesmo".

14.

INTERPRETAÇÃO DO SERMÃO DO MONTE (IV) (Conforme narrativa de Mateus)



Introdução

1. OBSERVAI AS AVES DO CÉU

"Por isso vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida quanto ao que haveis de comer e beber; nem pelo vosso corpo pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as vestes?"

Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo vosso Pai Celeste as sustenta. Não tendes vós muito mais valor que elas?

Qual de vós, com todos os seus cuidados poderá acrescentar um côvado a sua estatura?

E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam.

E contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?

Portanto não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos?

Porque os gentios é que procuram todas estas coisas. Pois vosso Pai Celeste sabe que necessitais de todas elas;

Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Portanto não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã cuidará de si mesmo: basta a cada dia o seu próprio mal". (Mateus, 6:25-34)

Esta página não é a apologia da inércia como poderia parecer a muitos. A inércia é o maior dos males que pode cometer o homem.

O Espírito em ação, mesmo no "caminho do mal", está acessível às influências benéficas da dor, do remorso, do desespero, que o impulsionam em busca da paz interior, objetivo de todas as criaturas.

O Espírito inerte, vegetante, como nos ensina André Luiz, emperra o mecanismo evolutivo, por dificultar enormemente a ação desses agentes responsáveis pelo progresso.

Não se trata, pois, de uma dissertação em defesa da preguiça, da negligência e do fatalismo: compreende uma certidão de fé inabalável na bondade e justiça do Criador.

Ele nos permite que, com o nosso insignificante trabalho, colaborem

para a manutenção da paz no Universo.

Assim, um homem que não trabalha, sendo capaz, é um peso morto para a sociedade, um obstáculo na caminhada evolutiva da humanidade rumo à perfeição.

O trabalho honesto proporciona inúmeros benefícios aos nossos semelhantes, além de nos permitir usufruir dessas pequenas coisas materiais de que ainda necessitamos. Logo, elas não são um mal em si, mas um bem divino, porque são dádivas a recompensarem a nossa participação no progresso de todos.

Mas, se a elas nos apegarmos, elegendo-as nossas únicas preocupações, esqueceremos nosso verdadeiro objetivo e fracassaremos inúmeras vezes.

Como cristãos, e como espíritas, devemos sempre "buscar primeiro o reino de Deus", ou seja, colocar os interesses coletivos, os interesses do próximo, acima dos nossos, porque, como nos diz Emmanuel, é ele o único caminho que nos leva ao Criador.

"Não vos inquieteis pelo dia de amanhã", não é o ensinamento da imprevidência e do fatalismo. Significa que, **se trabalharmos**, não precisaremos nos preocupar com o restante,

porque o Pai nos proverá; não devemos acumular riquezas improdutivas porque elas permanecerão na Terra quando voltarmos à outra vida; se pouco tivermos, tranquilos estaremos, porque pouco poderemos perder com os revezes da vida; e se nos acharmos em penúria, devemos confiar em Deus porque ele sabe melhor que nós do que precisamos para o nosso aperfeiçoamento moral.

2. NÃO JULGUEIS PARA QUE NÃO SEJAI JULGADOS

"Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.

Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?

Ou como dirás a teu irmão: deixame tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu?

Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão". (Mateus, 7:1-5]

A primeira frase é uma afirmativa muito clara da Lei de Ação e Reação a qual será analisada em aulas futuras, com detalhes.

Em resumo, ela determina que todo ato construtivo e bom traga alegria e satisfação àquele que o praticou, enquanto que atos destrutivos e maus desencadeiem reações deste mesmo

teor. É o significado da frase: "a cada um segundo as suas obras".

"Tirar primeiro a trave do nosso olho" é a síntese de tudo o que poderíamos dizer sobre a reforma íntima. Significa a necessidade de começar a eliminar primeiro os nossos vícios e defeitos para podermos ver depois a melhor maneira de auxiliar o próximo a vencer as suas limitações.

O exemplo que damos ao nos desfazermos da "trave" que cobre nosso olho é tudo o que necessita nosso próximo para olhar-se a si mesmo em busca dos seus "ciscos".

A trave que impede de ver claramente é o nosso orgulho, nosso egoísmo, os quais somente serão afastados quando fizermos conscientemente a nossa auto-análise, reconhecendo-os, e iniciando contra eles um árduo mas compensador combate.

Esse é o ensinamento que nos induz a sermos comedidos com os erros alheios, para sermos realmente severos conosco mesmos.

3. NÃO LANCEIS PÉROLAS AOS PORCOS

"Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas para que não as pisem com os pés, e, voltando-se, vos dilacerem". (Mateus, 7:6)

No momento em que vivemos, precisamos ser objetivos nas nossas atividades, procurando os meios de

atingir ao maior número de necessitados no prazo mais breve possível.

Nos diz o Plano Espiritual, recordando o Apocalipse, que "não há mais tempo", ou seja, aqueles que não se decidiram ainda pelo caminho a seguir, que o façam já, porque novas chances não surgirão para eles aqui no planeta em que vivemos.

Até há pouco recebíamos todas as atenções possíveis por parte do Plano Espiritual: éramos tolerados mil vezes em nossas faltas e orientados outro tanto em nossos erros e negligências. Mas para tudo há um limite. O aluno reprovado continuamente, anos sucessivos, precisa ser afinal jubilado da escola para dar oportunidade a outros necessitados e sedentos de aprender.

Assim, também, no momento atual, os ensinamentos de Jesus devem ser divulgados e exemplificados a todos, porém sem pajeamentos e sem paternalismos porque "não há mais tempo" para isso.

Os ensinamentos evangélicos são pérolas de luz ansiosamente esperadas pelos sofredores de toda espécie, que delas carecem para o seu esclarecimento e redenção.

Aqueles que se comprazem no mal e se recusam a evoluir, necessitarão de muito mais tempo para despertar do que podem dispor no momento.

4. PEDI E DAR-SE-VOS-Á

"...Buscai e achareis, batei e abri-se-vos-á.

Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abri-se-lhe-á.

Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou se pedir um peixe, lhe dará uma serpente?

Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas coisas aos que pedirem.

Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles, porque esta é a Lei e os Profetas". (Mateus, 7:7-12)

Esse é o ensinamento da fé operante e da confiança viva na Justiça Divina.

Não se limitou o Mestre a dizer "pedi e dar-se-vos-á", mas completou esclarecendo a necessidade de buscar e bater a fim de encontrar "as boas coisas" de que necessitamos.



Daí dizerem os mentores que assistem os destinos da humanidade que a maior e mais eficaz prece é o trabalho, para que o merecimento se faça.

É através dele que nos unimos mais estreitamente ao Criador, porque participamos da sua criação, nos tornamos cocriadores, no dizer de André Luiz.

A objeção de que a prece não tem valor, porque Deus conhece muito bem as nossas aflições, não necessitando, portanto, de ouvi-las de nós, carece de fundamento.

Se Deus conhece, nem sempre nós mesmos sabemos em profundidade qual o mal que nos atinge. Somos crianças espirituais em busca de condições que nos façam receptivos aos esclarecimentos superiores. Esses conhecimentos são apanágio de Espíritos esclarecidos que habitam altas esferas; e somente através da prece — fio que nos liga a eles — podemos ter nossos caminhos iluminados dentro das trevas de ignorância em que nos encontramos.

E continua o Mestre, tocando-nos profundamente, ao comparar a bondade justa e perfeita de Deus com a bondade muitas vezes falha, mas cheia de ternura do pai humano. E conclui: **“se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai?”** (Mateus, 7:11)

E se não fôssemos realmente atendidos em nossas súplicas, para que teria o próprio Jesus nos ensinado o “Pai Nosso”, modelo de prece em todos os sentidos?

Para não entrarmos muito em assunto que pertence a outras aulas do curso, lembramos somente as palavras do Mestre: “Tudo o que pedirdes em meu nome, eu o farei” (João, 14:13). E que é pedir em nome d’Ele? É pedir para o próximo, espontânea, sincera e fraternalmente, coisas justas.

E, por final, deixou-nos a regra áurea da conduta Cristã: **fazer aos outros o que gostaríamos que eles nos fizessem.**

Além dos ensinamentos da aula precedente, quando disse: “Com a medida com que medirdes também sereis medidos”, vai mais além, porque estabelece uma norma das mais simples e mais completas que podem nos orientar em nosso relacionamento com nossos semelhantes, a regra que nos

guia seguramente em nosso aprendizado, do “amar ao próximo como a nós mesmos”, o maior dos mandamentos da Lei Divina.

Mas ora, dirão alguns, se já foi dito que nem sempre sabemos o que é bom para nós, como poderíamos saber o que é bom para os outros?

E aí vamos nos aprofundando no aprendizado deste ensinamento, concluindo que **desejar o bem do próximo é querer a sua evolução, o seu aperfeiçoamento espiritual, o que nem sempre significa posse ou gozo de bens materiais.**

5. ENTRAÍ PELA PORTA ESTREITA

“...Larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela.

Porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela”. (Mateus, 7:13-14)

Por que teria o Mestre comparado o caminho do mal na evolução humana a uma estrada espaçosa e uma porta larga? Porque são elas que atraem a todos aqueles que não se dispõem ao sacrifício de procurarem os caminhos estreitos e ultrapassarem as portas apertadas. Os caminhos fáceis são os preferidos...

É preciso trabalho para seguir pelos caminhos difíceis, é preciso desprendimento, dedicação, desejo íntimo de melhoria espiritual.

É preciso, principalmente, confiança em que somente aquela estrada é a correta, verdadeira e somente ela levará à vida.

Disse-nos o Mestre: “Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida, ninguém vai ao Pai senão por mim”. Ou seja, é Ele a nossa porta estreita.

Por essa porta somente passarão aqueles que se dispuserem a ultrapassar as pedras da inveja, os espinheiros do ódio, as colinas do orgulho, os abismos do egoísmo.

E além de afastar os tropeços, deverão trabalhar em dobro para plantar as flores do amor e da fraternidade no solo árido e refratário a ser carinhosamente cultivado.

E se seguirmos resolutos, até o final, o Mestre estará nos esperando para nos fazer ingressar na verdadeira vida, de atividade cristã e de trabalho fraterno em prol do bem coletivo, que é o que almejamos.

6. ACAUTELAI-VOS DOS FALSOS PROFETAS

“...Que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.

Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se porventura uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?

Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.

Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.

Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus; mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus.

Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?

Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”. (Mateus, 7:15-23)

O momento que atravessamos é de tão grande importância para o destino dos Espíritos habitantes deste nosso planeta, que tanto as trevas quanto os Planos Superiores têm envidado todos os esforços para orientar, cada um à sua maneira, a nossa evolução espiritual.

É assim que as armas usadas pelos agentes do mal tornam-se a cada dia mais sofisticadas, dificultando o seu reconhecimento e combate.

Encontramos infiltrações em todos os setores da atividade humana. Um desses setores mais visados é o da mediunidade, tanto pela sua importância no esclarecimento religioso do homem, quanto pelo empirismo que o envolve e que o torna grandemente acessível.

Tanto na mediunidade quanto em qualquer outro dos referidos setores, **há uma maneira bastante simples de diferenciar “os lobos dos cordeiros”: pelas suas obras.**

Porque “não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar bons frutos”.

Finalmente diz o Mestre que “não basta dizer Senhor, Senhor”, é preciso fazer a **vontade de Deus**. O que significa, como já havíamos dito em outras ocasiões, que é preciso “amar ao próximo como a nós mesmos”, pois que esta é a lei maior.

Aqueles que se apegam à letra, às exterioridades, esquecendo-se do Espírito, dos frutos, poderão ouvir claramente o que o Mestre lhe diz: “nunca te conheci”, porque não é esse o caminho que leva a Ele.

Porém, **os atos praticados em benefício do próximo, mas que não são movidos pelo amor, pouco valor apresentam.**

7. EDIFICAR A CASA SOBRE ROCHA

“Todo aquele pois, que ouve estas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha.

E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra a casa, e esta não caiu, porque foi edificada sobre a rocha.

E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre areia.

E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra a casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína”. (Mateus, 7:24-27)

Novamente volta o Mestre a dizer que não basta apenas ouvir as suas palavras, porque seria construir sobre areia. É preciso praticar os ensinamentos de maneira a dar sólidos alicerces ao edifício moral que vamos construir.

É preciso notar que Jesus não prometeu uma vida sem tormentos se praticássemos os seus ensinamentos, mas apenas que teríamos forças suficientes para superá-los com serenidade.

Os Espíritos instrutores durante dezenas de anos repetiram a necessidade do estudo e do conhecimento da doutrina. Hoje nós podemos afirmar que **nosso maior obstáculo para a redenção da humanidade é a falta de prática cristã: falta do exercício da caridade.**

O que sabemos já é o suficiente. É hora de praticarmos os ensinamentos, de aperfeiçoá-los no contato com a realidade. Porque, do contrário, agiremos como o homem que construiu a sua casa sobre a areia das ideias humanas, dos pontos de vista, das opiniões pessoais, das teorias, esquecendo-se da **essência dos ensinamentos recebidos, que é a prática da moral cristã.**

8. JESUS ENSINAVA COM AUTORIDADE

“Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina;

Porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas”. (Mateus, 7:28)

O povo maravilhou-se com os ensinamentos do Mestre porque nunca alguém lhe falara daquela maneira.

Os escribas, sacerdotes e rabinos estavam somente preocupados em manter o controle religioso sobre a população, explorando-a em todos os sentidos, principalmente no aspecto financeiro através dos impostos, doações, dízimos etc. Somente se dirigiam aos pobres para lembrá-los dos rituais, dos cerimoniais, dos sacrifícios e oferendas a que estavam obrigados pela rigorosa regulamentação religiosa da época. E os sofrendores do corpo e do espírito estavam desamparados, sentiam-se perdidos sem a assistência moral e material que tanto necessitavam.

Quando Jesus lhes falou com a autoridade de governador espiritual do planeta, sentiram-se banhados pela sua grandiosa aura de Espírito divinizado que envolve toda a humanidade, reconhecendo nele, intimamente, como Espíritos eternos que somos, o Caminho, a Verdade e a Vida. O Caminho que nos leva à Fonte inesgotável de Todo o Amor; a Verdade que nos esclarece e nos liberta das nossas imperfeições, e a Vida feliz na eternidade do Seu Reino.

15.

A FUNDAÇÃO DA IGREJA CRISTÃ

1. ESCLARECIMENTOS

O tema desta aula não está muito claramente exposto no “Atos dos Apóstolos”, encontrando-se, todavia, contido em notas esparsas daquele

livro do Novo Testamento e em outras obras igualmente merecedoras de serem lidas.

Procuramos abordar, na medida do possível, todos os aspectos do tema

de maneira sucinta: o aspecto social, o político, e o religioso que mais diretamente nos interessa.

Embora pareça estar desligada do contexto do “Atos dos Após-

